

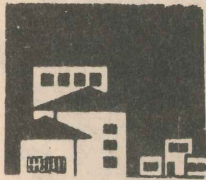
Expansão desordenada caracteriza Santo Antônio

A119988

1991 Cláudia D'Avila

A Gazeta

Santo Antônio é um bairro tão antigo quanto a própria capital do Espírito Santo. Velhos também são os problemas de falta



d'água, sistema de esgoto e nas áreas de segurança e saúde, principalmente. Espremidos entre o mar e as montanhas ou avançando sobre os mangues, estima-se que 32 mil pessoas vivem nas ruas estreitas, becos, curvas, ladeiras e escadarias que caracterizam a região de Grande Santo Antônio, formada por pequenos bairros: Santo Antônio, Alto Bela Vista, Caratoira, Contorno, Comdusa, Grande Vitória, Independência, Inhanguetá, Morro do Quadro, Morro do Alagoano (Favalessa), Santa Tereza, Morro do Martelo, Ilha das Caieiras, Universitário, Estrelinha...

Segundo registros históricos, o português Vasco Fernandes Coutinho encontrou muitos índios Goitacazes ao desembarcar em local próximo à ilha das Caieiras, em 13 de junho de 1535, que chamou de Ilha de Santo Antônio, por ser o dia do Santo. Em 1937, o explorador do solo capixaba doou a Ilha de Santo Antônio a Duarte Lemos, "que construiu uma fazenda no morro e fora isento de dízimo a Deus". Na mesma ocasião, Jorge de Menezes recebeu a Ilha do Boi, e Valentim Nunes a Ilha do Frade.

Apesar de ser mais velha que Vitória, boa parte da história de Santo Antônio se perdeu no tempo. O bairro possui três associações de moradores e um movimento cultural, mas funcionam como trampolim político, segundo críticos dos próprios moradores da região. O mar poluído, que cerca a região, já foi local de pouso de pequenos aviões que traziam políticos, artistas e outras celebridades ao Estado.

Vivendo 43 dos seus 63 anos em Santo Antônio, D. Hilda Marques Porto recorda com saudade do tempo em que não existia qualquer outro bairro até a ilha das Caieiras. "Tudo era lindo. Só tinha mangue. Eu andava de bonde para ir trabalhar na Singer. A qualidade de vida era muito melhor. Aqui só tinha moradores do bairro mesmo. A invasão de São Pedro foi desesperadora, pois vieram muitas pes-



O Bairro de Santo Antônio é tão antigo quanto a própria capital e nele vivem aproximadamente 32 mil pessoas

Antônio, no entanto, consideram o bairro violento, sem excluir até a atuação da polícia. Na região, a lei do silêncio predomina. Mesmo escondidos no anonimato, as pessoas têm medo de falar. "Aqui todo mundo sabe de tudo, mas a gente ouve e faz que não ouve, vê e faz que não vê, porque não quer amanhecer morto em um canto da rua", diz um senhor, pedindo sigilo sobre seu nome, sob a alegação de que seria "prejudicado".

"Lá vai Maria"

Nos bairros mais antigos, na baixada ou nos locais servidos de bombas elétricas da Companhia Espírito-Santense de Saneamento (Cesan), como Santo Antônio, Santa Tereza — que pertenceu a alemães, até a época do ditador nazista Hitler —, Estrelinha, parte do Morro do Quadro e Ilha das Caieiras é raro faltar água. Nos



O Centro de Saúde vive alagado e até ratos andam entre doentes

Foto de Gillo Loyola

Saúde é mais deficiente

No que se convencionou chamar de Grande Santo Antônio, com exceção de São Pedro, existem três postos e um centro de saúde: Unidades Sanitárias da Ilha das Caieiras, de uma igreja, Ariovaldo Favalessa e o Centro de Saúde de Santo Antônio. A comerciante Rosalina de Souza reclama que o posto próximo do Bairro Grande Vitória só possui um médico para todos e por isso muitos não são consultados.

O Centro de Saúde de Santo Antônio, segundo a moradora do bairro Hilda Marques, é um centro de doenças. O local vive alagado de esgoto e água de chuva e até ratos circulam entre os pacientes. A limpeza do local é feita por uma funcionária apenas. "A Secretaria de Estado da Saúde prometeu reformar o centro em 120 dias, no final de abril, mas nada foi feito até hoje. Aliás, só fecharam o Hospital Oswaldo Monteiro, na Ilha da Pólvora, alegando o alto custo de manutenção. Santo Antônio precisa de tudo, principalmente, de que o Governo conserve o que tem. O povo não destrói tanto", reclamou.

As doenças mais comuns na população da Grande Santo Antônio, de acordo com a Secretaria de Saúde de Vitória (Semus), são: pneumonia, gastroenterite, sarampo, caxumba, tuberculose, rubéola, varicela, meningite meningocócica e blenorragia (gonorréia).

Ocupação desordenada

A Grande Santo Antônio é marcada pela desorganização da ocupação de seu solo. As casas são predominantes na região, em detrimento dos prédios, e estão por toda a parte: nas escadarias, morros, baixadas, becos, ruas estreitas e vias largas. Boa parte do bairro não possui ou tem apenas uma estreita calçada. As janelas e portas das residências, muitas vezes, abrem na própria rua, pois nasceram antes de qualquer legislação ou Plano Diretor Urbano (PDU), que determinasse um recuo mínimo e espaço para calçadas.

Com exceção de Santa Tereza — com modernas mansões e muitas árvores frutíferas e ornamentais —,

a Grande Santo Antônio parece uma grande ruína. Menos por causa das construções antigas e mais pelos esqueletos e construções que exibem a cor terra das lajotas e a cinza do concreto armado. Essa aparência dá ao bairro mais antigo que a própria Vitória um aspecto mutável, em função do intenso fluxo de migração da Grande Vitória.

Junto com o Sambão do Povo, a arquitetura (as abóbodas) do Santuário de Santo Antônio quebra a harmonia entre as ruínas novas e velhas e o caráter de improvisado que marca o bairro. O Santuário é uma espécie de cartão postal da região, pois foi construído no local de uma grande pedra, durante o início da década de 60. O Cemitério de Santo Antônio talvez seja a área ocupada de forma mais organizada de toda a região. No antigo Cemitério da Boa Morte e Assunção, fundado entre os séculos XVII ou XVIII, está enterrado o bispo dom João Batista.

Peixe e cal

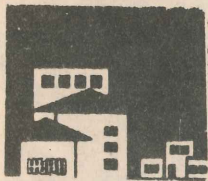
Outra estrutura estranha à região de Grande Santo Antônio é o Sambão do Povo, apesar da existência das escolas na região: Novo Império e Originais do Contorno. Tão velho quanto o Bairro Santo Antônio é a Ilha das Caieiras, onde havia uma fábrica que exportava a cal produzida a partir de ostras, conchas e mariscos, em fornos iguais aos utilizados para cozer lajotas.

A Ilha das Caieiras ainda preserva a forte maresia e cheiro de peixe, apesar dos poucos pescadores que restaram. O pescado e os caranguejos da região não dão para o tira-gosto, por causa da ação dos barcos de pesca com balões que arrastam tudo, de acordo com o filho e neto de pescador Haroldo Ferreira.

A torta capixaba é uma tradição ainda nesta região, mas a data em que deu início ao costume se perdeu ao longo de mais de quatrocentos anos. "Tradicional mesmo é o Rasingue, o time de futebol mais velho daqui. Ele foi criado em 1944", conta Haroldo Ferreira.

Foto de Gillo Loyola

Santo Antônio é um bairro tão antigo quanto a própria capital do Espírito Santo. Velhos também são os problemas de falta



d'água, sistema de esgoto e nas áreas de segurança e saúde, principalmente. Espremidos entre o mar e as montanhas ou avançando sobre os mangues, estima-se que 32 mil pessoas vivem nas ruas estreitas, becos, curvas, ladeiras e escadarias que caracterizam a região de Grande Santo Antônio, formada por pequenos bairros: Santo Antônio, Alto Bela Vista, Caratoira, Contorno, Comdusa, Grande Vitória, Independência, Inhanguetá, Morro do Quadro, Morro do Alagoano (Favalessa), Santa Tereza, Morro do Martelo, Ilha das Caieiras, Universitário, Estrelinha...

Segundo registros históricos, o português Vasco Fernandes Coutinho encontrou muitos índios Goitacazes ao desembarcar em local próximo à ilha das Caieiras, em 13 de junho de 1535, que chamou de Ilha de Santo Antônio, por ser o dia do Santo. Em 1937, o explorador do solo capixaba doou a Ilha de Santo Antônio a Duarte Lemos, "que construiu uma fazenda no morro e fora isento de dízimo a Deus". Na mesma ocasião, Jorge de Menezes recebeu a Ilha do Boi, e Valentim Nunes a Ilha do Frade.

Apesar de ser mais velha que Vitória, boa parte da história de Santo Antônio se perdeu no tempo. O bairro possui três associações de moradores e um movimento cultural, mas funciona como trampolim político, segundo críticos dos próprios moradores da região. O mar poluído, que cerca a região, já foi local de pouso de pequenos aviões que traziam políticos, artistas e outras celebridades ao Estado.

Vivendo 43 dos seus 63 anos em Santo Antônio, D. Hilda Marques Porto recorda com saudade do tempo em que não existia qualquer outro bairro até a ilha das Caieiras. "Tudo era lindo. Só tinha mangue. Eu andava de bonde para ir trabalhar na Singer. A qualidade de vida era muito melhor. Aqui só tinha moradores do bairro mesmo. A invasão de São Pedro foi desesperadora, pois vieram muitas pessoas de fora e as que nasceram aqui saíram para outras regiões", contou. Os músicos Maurício de Oliveira e Carlos Papel são do bairro.

Violência

A delegada de Polícia Civil, Cecília Camata, considera a Grande Santo Antônio — com exceção de São Pedro — tranqüila. "Eu sou responsável pelos bairros que vão da Vila Rubim a São Pedro e acho o pessoal de Santo Antônio bom. Só no Morro do Alagoano é que há problemas de pessoas de fora e alguns moradores em relação ao tráfico de drogas, mas briga de quadrilha como a de Chely é rara. Nem o Zé Bigodudo, que fez tráfico durante muitos anos no Morro do Quadro, causava problemas, pois não fazia aruaça. Aqui são mais comuns as brigas por ciúmes e, principalmente, bebida", analisa.

Os moradores da Grande Santo



O Bairro de Santo Antônio é tão antigo quanto a própria capital e nele vivem aproximadamente 32 mil pessoas

Foto de Chico Mendes

Antônio, no entanto, consideram o bairro violento, sem excluir até a atuação da polícia. Na região, a lei do silêncio predomina. Mesmo escondidos no anonimato, as pessoas têm medo de falar. "Aqui todo mundo sabe de tudo, mas a gente ouve e faz que não ouve, vê e faz que não vê, porque não quer amanhecer morto em um canto da rua", diz um senhor, pedindo sigilo sobre seu nome, sob a alegação de que seria "prejudicado".

"Lá vai Maria"

Nos bairros mais antigos, na baixada ou nos locais servidos de bombas elétricas da Companhia Espírito-Santense de Saneamento (Cesan), como Santo Antônio, Santa Tereza — que pertenceu a alemães, até a época do ditador nazista Hitler —, Estrelinha, parte do Morro do Quadro e Ilha das Caieiras é raro faltar água. Nos bairros situados nos morros, entretanto, como Universitário, Alto Bela Vista e Comdusa, o desabastecimento é uma constante.

"Lata d'gua na cabeça" é mais do que uma canção para D. Maria Neusa Soares. Essa passageira de Alto Bela Vista conta que ficou os últimos 15 dias sem o líquido, até que cinco carros pipa da Cesan, na última quinta-feira, dia 31 de outubro, abasteceram o local. "Eu carreguei água até às 10 horas da noite. Quando a gente mais precisa, no calor, ela falta. Quando chove sempre tem água", menciona.

A desempregada do Bairro Comdusa, Nair Marcos Félix, aponta a falta d'água, ameaça de deslizamento de pedras sobre as casas, sujeira das ruas e ratos como os principais problemas de sua região. "É raro ter água aqui. Os ratos são tão grandes que, se pegar um, mata. Nem faço camas no chão para as crianças dormirem, com medo de que sejam mordidas", revelou.



O Centro de Saúde vive alagado e até ratos andam entre doentes

Foto de Chico Mendes



Entre os vários problemas, a deficiência de esgotos tem maior destaque

No que se convencionou chamar de Grande Santo Antônio, com exceção de São Pedro, existem três postos e um centro de saúde: Unidades Sanitárias da Ilha das Caieiras, de uma igreja, Ariovaldo Favalessa e o Centro de Saúde de Santo Antônio. A comerciante Rosalina de Souza reclama que o posto próximo do Bairro Grande Vitória só possui um médico para todos e por isso muitos não são consultados.

O Centro de Saúde de Santo Antônio, segundo a moradora do bairro Hilda Marques, é um centro de doenças. O local vive alagado de esgoto e água de chuva e até ratos circulam entre os pacientes. A limpeza do local é feita por uma funcionária apenas. "A Secretaria de Estado da Saúde prometeu reformar o centro em 120 dias, no final de abril, mas nada foi feito até hoje. Aliás, só fecharam o Hospital Oswaldo Monteiro, na Ilha da Pólvora, alegando o alto custo de manutenção. Santo Antônio precisa de tudo, principalmente, de que o Governo conserve o que tem. O povo não destrói tanto", reclamou.

As doenças mais comuns na população da Grande Santo Antônio, de acordo com a Secretaria de Saúde de Vitória (Semus), são: pneumonia, gastroenterite, sarampo, caixumba, tuberculose, rubéola, varicela, meningite meningocócica e blenorragia (gonorréia).

Ocupação desordenada

A Grande Santo Antônio é marcada pela desorganização da ocupação de seu solo. As casas são predominantes na região, em detrimento dos prédios, e estão por toda a parte: nas escadarias, morros, baixadas, becos, ruas estreitas e vias largas. Boa parte do bairro não possui ou tem apenas uma estreita calçada. As janelas e portas das residências, muitas vezes, abrem na própria rua, pois nasceram antes de qualquer legislação ou Plano Diretor Urbano (PDU), que determinasse um recuo mínimo e espaço para calçadas.

Com exceção de Santa Tereza — com modernas mansões e muitas árvores frutíferas e ornamentais —,

a Grande Santo Antônio parece uma grande ruína. Menos por causa das construções antigas e mais pelos esqueletos e construções que exibem a cor terra das lajotas e a cinza do concreto armado. Essa aparência dá ao bairro mais antigo que a própria Vitória um aspecto mutável, em função do intenso fluxo de migração da Grande Vitória.

Junto com o Sambão do Povo, a arquitetura (as abóbodas) do Santuário de Santo Antônio quebra a harmonia entre as ruínas novas e velhas e o caráter de improvisado que marca o bairro. O Santuário é uma espécie de cartão postal da região, pois foi construído no local de uma grande pedra, durante o início da década de 60. O Cemitério de Santo Antônio talvez seja a área ocupada de forma mais organizada de toda a região. No antigo Cemitério da Boa Morte e Assunção, fundado entre os séculos XVII ou XVIII, está enterrado o bispo dom João Batista.

Peixe e cal

Outra estrutura estranha à região de Grande Santo Antônio é o Sambão do Povo, apesar da existência das escolas na região: Novo Império e Originais do Contorno. Tão velho quanto o Bairro Santo Antônio é a Ilha das Caieiras, onde havia uma fábrica que exportava a cal produzida a partir de ostras, conchas e mariscos, em fornos iguais aos utilizados para cozer lajotas.

A Ilha das Caieiras ainda preserva a forte maresia e cheiro de peixe, apesar dos poucos pescadores que restaram. O pescado e os caranguejos da região não dão para o tira-gosto, por causa da ação dos barcos de pesca com balões que arrastam tudo, de acordo com o filho e neto de pescador Haroldo Ferreira.

A torta capixaba é uma tradição ainda nesta região, mas a data em que deu início ao costume se perdeu ao longo de mais de quatrocentos anos. "Tradicional mesmo é o Rasingue, o time de futebol mais velho daqui. Ele foi criado em 1944", conta Haroldo Ferreira.

Foto de Gilão Loyola



O Santuário é uma espécie de cartão postal de Santo Antônio